

REPENSANDO A EDUCAÇÃO INDÍGENA

Pe. Justino Sarmiento Rezende – Tuyuka
lauaretê/2004.

INTRODUÇÃO

Apresento aos leitores o artigo *Repensando a Educação Indígena* que é fruto de uma reflexão que comecei no mês de junho até o final do mês de outubro(2004). Com este artigo retomo também, algumas idéias que eu utilizei numa palestra proferida aos professores da Escola São Miguel, lauaretê – AM, durante a Semana Pedagógica, no dia 19 de fevereiro de 1998 com o tema *Escola Indígena*.

Naquele ano de 1998 na Escola São Miguel, discutia-se muito sobre a questão da Escola Indígena e direção escolar. Havia uma grande tensão entre os professores indígenas e a direção da escola da época. Dava-me a impressão de que os professores indígenas queriam tomar o “poder” das mãos de quem dirigia a escola. Esta realidade gerava desconfiança, medo e mal-estar na comunidade educativa. Creio que apesar dessas dificuldades os professores e a direção da escola conseguiram estabelecer, até o momento, uma política de boa convivência, porém sem solucionar os problemas.

Informo ao leitor que desde 1997 a 2003 eu estava atuando fora desta nossa região(lauaretê). Somente em janeiro/2004 retornei para a região. Por sorte, após alguns dias de eu ter chegado em lauaretê convidaram-me para participar em São Gabriel da Cachoeira, de um Seminário sobre a Educação Escolar Indígena, onde tratariam especificamente sobre o Ensino Médio nas comunidades indígenas.

O Seminário foi organizado pelos professores indígenas e houve a participação de muitos professores indígenas e não-indígenas, irmãs salesianas, padres, bispo diocesano, representantes de diversas entidades que atuam na região, representantes dos setores da educação municipal/estadual/federal(MEC) e assessores indígenas.

No decorrer das diversas exposições, discussões e propostas percebi que nesta região do alto Rio Negro, mais do que naquela década de 90(1998), se tratava com maior profundidade os temas da *escola indígena*, *educação indígena* e *gestão escolar*. Esta última, porém é a mais reivindicada por alguns indígenas.

Embora os participantes falassem com muita insistência sobre os temas, não percebi novidades durante o Seminário, pois as mesmas posturas, mesmos discursos, mesmas reivindicações, mesmas lamentações, mesmas desculpas já ouvi e vi em outros Seminários, Encontros, Reuniões e Assembléias realizados na nossa região e fora dela.

O que fica mais evidente é a reivindicação dos professores indígenas para assumirem a *Gestão Escolar*. Percebo, então que é um processo irreversível. Mais cedo ou mais tarde, os professores indígenas acabarão por assumir este serviço. Diante desta aproximação, cada comunidade educativa, precisa estabelecer metas para serem alcançadas a curto ou médio prazo para a *formação específica de professores indígenas*: Pedagogia,

Gestão Escolar. Eu entendo que a *gestão escolar* não pode ser levada na base de boa vontade, temos que ter pessoas qualificadas.

Além destas reivindicações, há outras questões importantes que precisam ser bem compreendidas. Nas entrelinhas dos discursos de muitos professores, percebi que está havendo um desencontro na compreensão de conceitos como “educação indígena”, “educação escolar indígena” e gestão escolar. Está faltando aprofundamento destes temas e falta o conhecimento mais profundo daquilo que a clientela das escolas(estudantes, pais) pensa, sonha e projeta. Falta um conhecimento mais aprofundado daquilo que as lideranças e os professores indígenas pensam. Falta conhecimento daquilo que a direção das escolas pensa e como se trabalha os temas indígenas nas escolas.

O desconhecimento das realidades que envolvem as escolas de hoje, faz com que algumas pessoas reivindiquem por questões periféricas, porém nem menos importantes, como a *gestão escolar*. Ao meu ver, se nós(indígenas) não tivermos bem claro o sentido da educação indígena não adianta assumir uma gestão escolar indígena. Se uma pessoa indígena que desconhece a cultura indígena assumir a direção escolar, não vai mudar em nada, vai continuar com o mesmo estilo de escola que temos e talvez até pior.

A forma agressiva que nós(indígenas) utilizamos na discussão de temas importantes como a gestão escolar, ensino médio, educação indígena com as outras pessoas, acaba desgastando uma convivência, causando um mal-estar. Vejo também que nós, muitas vezes, fazemos de vítimas e consideramos “os outros” como culpados. Neste sentido, depois daquele Seminário, soube-se que as irmãs salesianas ao retornarem para as escolas(Pari-Cachoeira, Taracua, lauaeté...) onde atuam, colocaram os cargos da direção escolar à disposição dos indígenas. Esta atitude não é a mais correta.

Diante de tais atitudes conclui-se que, se alguns professores indígenas já estão dispostos para assumirem a direção escolar, precisam de preparação imediata nas áreas específicas. A direção escolar não pode ser assumida de qualquer jeito e por qualquer pessoa. Terá que ser assumida responsavelmente, pois nem todos os indígenas servem para a direção das escolas, mas precisam ser capacitados para tais serviços.

Os não-indígenas que estão na direção escolar(hoje), precisam saber que na medida que tiverem indígenas preparados terão que passar para eles a gestão escolar, principalmente naquelas escolas situadas nas áreas indígenas.

Para além destas reivindicações pelos espaços físicos e cargos o que mais me preocupa são as dificuldades na compreensão dos temas *Educação Indígena e Escola Indígena*. São temas que precisam ser repensados, pois os próprios indígenas, estudantes, pais de estudantes e educadores ao ouvirem falar destes temas interpretam-nas como *volta ao passado*. Por isso, alguns preferem nem ouvir falar destes temas. Muitos até se revoltam contra quem trata de tais temas.

Os profissionais em educação, indígenas de diversas etnias, não conseguem decifrar o *sentido da educação indígena* e muito menos da *escola indígena*. Muitos são indiferentes frente aos temas, pois para eles está bem do jeito como a educação escolar caminha, hoje, desligada das questões indígenas.

Para as pessoas não-indígenas que dirigem as escolas a visão é mais reduzida e mais confusa. Para elas, os conceitos como “*educação indígena*”, “*escola indígena*”, “*escola onde estudam indígenas*”, “*escola onde tem professores indígenas*” e “*uma escola situada nos ambientes indígenas*” têm o mesmo sentido.

Realmente, não é fácil estabelecer definições claras sobre a *escola indígena* e *educação indígena*. Diante destas dificuldades que escrevendo este artigo quero provocar um *novo pensar* sobre a *educação indígena* e *escola indígena*. Por isso, caro leitor, tenha toda a liberdade para discordar, concordar, acrescentar,

tirar, aperfeiçoar ou mesmo esquecer as idéias aqui colocadas. O artigo não tem a pretensão de ensiná-lo, mas questioná-lo. Se, por acaso, sentir-se incomodado pelas idéias aqui colocadas, reflita e descubra as causas do incômodo.

Para mim, a *educação indígena* é diferente do que uma *escola indígena*. A *educação indígena* é anterior à *escola indígena*, vai além de simplesmente ter alunos e professores indígenas na escola (estrutura física). Ter professores e alunos indígenas não faz de uma escola, uma *escola indígena*. E, a escola não é uma escola indígena só porque está no ambiente indígena. Uma escola não se torna uma escola indígena só porque transmite os conteúdos que vêm nos livros elaborados pelos não-índios, na língua indígena. A *educação indígena* mostra a sua identidade pelos seus conteúdos, métodos de ensino e aprendizagem, métodos de avaliação segundo os critérios das etnias.

Aqui no nosso município de São Gabriel da Cachoeira –AM, já ouvi dos próprios responsáveis pela educação escolar municipal dizerem que “*todas as escolas que existem dentro da terra demarcada são escolas indígenas*”. Desculpem-me, pois essa afirmação não é verdadeira. O que determina uma escola como *escola indígena* são os *conteúdos, métodos, pedagogia diferente, currículos próprios, calendários apropriados a partir da cultura indígena*:

“... No caso das escolas indígenas, para que seja garantida uma educação diferenciada, não é suficiente que os conteúdos sejam ensinados através do uso das línguas maternas: é necessário incluir conteúdos curriculares propriamente indígenas e acolher modos próprios de transmissão do saber indígena. Mais do que isto, é imprescindível que a elaboração dos currículos, entendida como processo sempre em construção, se faça em estreita sintonia com a escola e a comunidade indígena a que serve, e sob a orientação desta última”¹.

A região que engloba os distritos de Pari-Cachoeira, Taracú e Iauaretê é uma região demarcada como terra indígena, porém, a maioria das escolas existentes dentro dela são escolas iguais as que existem em grandes cidades do país. Os professores indígenas trabalham os mesmos conteúdos que são trabalhados em grandes metrópoles do nosso país. Os estudantes indígenas recebem as mesmas orientações como os alunos das cidades. Será que a essa escola podemos denominá-la *escola indígena*? Claro que não! É um engano muito grande dizer que as escolas que existem no alto Rio Negro são escolas indígenas.

Antes de tratar da *escola indígena* aponto alguns aspectos importantes sobre a *educação indígena*. Ela é uma realidade tão *antiga* quando a nossa *origem* indígena. Porém, torna-se tão *nova e desafiante* porque estamos distante dela. Temos sangue indígena, parecemos indígenas, mas não queremos ser indígenas. Chegamos a esse nível por falta de conhecimentos de nossos valores culturais ou melhor por falta de prática de nossos valores culturais.

A *educação indígena* é uma realidade que acompanha todo o processo de desenvolvimento do homem e mulher indígena. Nossos avôs indígenas ensinavam (educavam) *mostrando-vivendo-falando*; seus filhos e netos aprendiam *vendo-praticando-ouvindo*.

Os educadores indígenas, hoje, somos desafiados a descobrir e redescobrir por quais parâmetros os nossos avôs ensinavam às novas gerações de filhos e netos. E, nós a partir dos quais parâmetros culturais formamos os indígenas atuais: estudantes, professores, líderes e pais?

A *educação indígena* exige de nós, o conhecimento de nossas culturas. Fala-se que para *amar* uma pessoa, é necessário *conhecê-la*, pois assim deve ser com relação à nossa cultura (cada qual conheça sua cultura). Para amar as nossas culturas precisamos conhecê-las.

¹ MINISTÉRIO da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental: *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*. Brasília, 1998, p. 33.

Por desconhecermos os nossos valores culturais, pensamos que eles não prestam, eles significam atraso e achamos que as culturas dos não-indígenas que são boas, que representam o progresso.

Para quem pensa em trabalhar com a educação indígena e educação escolar indígena o melhor caminho para começar é o retorno para as nossas origens(conhecimento da história). Este retorno significa assumir os nossos valores culturais e trazê-los para os nossos dias. Entendam o retorno para as nossas origens não como recusa das novidades. Não significa entrarmos no mundo indígena e permanecermos fechados nele. Nós temos o direito de conhecermos as nossas origens e o dever de propor para as sociedades de hoje as nossas riquezas culturais.

Não é justo que os conhecimentos que adquirimos na formação acadêmica(escolas) nos levem ao abandono de nossas riquezas culturais. A morte de nossos valores culturais, para muitos indígenas e não-indígenas que não aprovam a existência de indígenas, é visto com bons olhos, pois essa situação de morte, para eles significava o começo de uma nova vida, *progresso* e *civilização*.

Para o indígena consciente de sua indianidade, o verdadeiro progresso significa a competência de vida dentro de sua própria cultura indígena e capacidade de assumir os desafios das culturas não-indígenas que o envolvem.

São idéias como essas que eu vou colocar neste artigo. Como já disse, não tenho a pretensão de dar soluções para os problemas existentes no campo da educação indígena e educação escolar indígena. Espero que o leitor motivado, incomodado, revoltado com as minhas idéias comece a repensar a sua prática no campo da educação.

CAPÍTULO I - A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUE TEMOS

Nesta parte, olhe comigo para alguns aspectos da educação escolar que temos na nossa região. Tenho certeza que, você, leitor descobrirá outros aspectos que não estão contemplados aqui. Como já disse, estas situações que eu coloco são frutos de minhas reflexões e, bastante demoradas.

Nas escolas que funcionam no alto Rio Negro(Pari-Cachoeira, Taracuí, Iauaretê...) constatamos a presença majoritária de estudantes e professores indígenas. Somente na direção das escolas estão presentes algumas pessoas não-indígenas.

O avanço das discussões sobre *educação indígena*, *escola indígena*, *gestão escolar* e a própria formação acadêmica de muitos professores aponta que dentro de poucos anos, os próprios indígenas serão gestores de muitas escolas existentes. Este é um processo irreversível. No momento existem algumas resistências, mas vai chegar o momento em que as barreiras de resistências irão cair. Por outro lado, continuam as dúvidas: como estes professores serão formados nos seus valores culturais?

As escolas(direção da escola), pelo fato de terem estudantes e professores indígenas nas escolas pensam que essas escolas já são escolas indígenas. Por este motivo, justificam quaisquer trabalhos como sendo trabalhos de escolas indígenas. Esta mesma visão é assumida pelos próprios professores indígenas, estudantes e pais.

Analisando os comportamentos de alunos, professores e pais, percebo que a educação escolar de hoje tem como um grande objetivo a *submissão* do indígena a uma ideologia dominante, causando destrabalização(destruição das diferentes etnias) e gerando *desequilíbrios* na convivência indígena. Se não quisermos falar da submissão podemos dizer da *adequação* do indígena às exigências da sociedade dominante.

A destribalização aparece na forma de rejeição de valores culturais indígenas: músicas, danças, pinturas, crenças... Ser índio “civilizado” para maioria dos indígenas significa “não ser mais índio”, “ser branco”. Justamente isso que os inimigos dos povos indígenas querem, “extinção das identidades indígenas”. Maneira mais fácil de matar um índio é matar a sua identidade. Quando um índio cria uma mentalidade de que ele não é mais índio, é um suicídio(etnocídio).

A educação escolar que passa por nós desde a década de 1920 através das escolas salesianas chegou por duas vias principais: missionária e nacional.

- a) **Missionária:** os missionários salesianos tinham como grande objetivo *evangelizar para civilizar, civilizar para cristianizar*. Os missionários salesianos transmitiam com fidelidade aquilo que o fundador(Dom Bosco) almejava: *formar bons cristãos e honestos cidadãos*. Eles possuem princípios em seu sistema(Preventivo) de educação: razão, religião e carinho. Eles garantiram entre nós a educação escolar, a catequese e a profissionalização. Como resultado surgia indígena preparado na profissão técnica e preparado como agente da evangelização. Faço notar que esse modelo educacional dos salesianos está muito presente na mentalidade e prática de professores indígenas. Só houve mudança de personagens, isto é, antes eram os missionários salesianos e hoje são profissionais indígenas. Esta constatação nos faz pensar que no *inconsciente indígena* está presente a figura “daquele missionário e seus métodos de ensino” que o indígena atual quer “imitar/repetir”. Este missionário presente no *inconsciente* indígena, *domina, manipula* o “educador” indígena. Daí o fato de falarem ou repetirem inconscientemente, as mesmas coisas e do mesmo como os missionários faziam ou diziam. Muito ligado à figura do missionário e seus métodos de ensino está presente a “figura do pai e da mãe” exigindo dos seus filhos e filhas “aquela obediência cega” àquele missionário do seu inconsciente. Mais do que uma obediência, é o “*medo*” *psicológico, espiritual, pedagógico, didático*. Esta situação tira toda criatividade do educador indígena. Torna-se assim, um educador sem criatividade, com medo de inovar. Torna-se um educador manipulado, escravo de métodos e conteúdos. Torna-se incapaz de inovar com novos pensamentos, novos métodos, novos conteúdos.
- b) **Nacional:** visava educar os indígenas *para integrá-los na civilização*. Os indígenas integrados já não seriam mais considerados “índios”, serão “civilizados/brancos”. Através desta prática que o Sistema Preventivo de Dom Bosco(Razão, Religião e Carinho) se confunde com o Sistema Repressivo da prática educativa nacionalista: obrigados a falar o português e quem não falasse, ficava de castigo, e tantos outros castigos. Aí muitas pessoas se perguntam se o sistema educativo de Dom Bosco era repressivo. Acredito que aconteceu isso porque as escolas eram instrumentos apropriados para civilizar os índios. Mais ainda, alguns salesianos brasileiros(nacionalistas) praticaram mais a ideologia nacional do que o sistema educativo de Dom Bosco. Esta ideologia(nacionalista, integracionista) está muito presente, nos pais, nos alunos e professores. Quando se pensa em criar uma escola indígena, muitos pais já criam uma série de dificuldades, ameaçam tirar filhos de escola, insultam o professor como atrasado. Aí se escuta afirmações como esta: “eu coloquei o meu filho para aprender o português e não para aprender a língua indígena, cultura indígena, arte indígena”; “eu quero o progresso!”

O que vemos na atualidade é que diante das posturas(nacionalista/integração) dos pais, os professores indígenas não se esforçam em criar uma nova educação, pois já estão “acomodados” à estrutura educacional vigente. O resultado desta *acomodação* é a realidade escolar que temos hoje. Os estudantes de hoje são provas vivas o que é o ensino, hoje, alienados de suas culturas indígenas. Embora os pais e os professores digam que os jovens não querem mais saber de suas culturas indígenas, os jovens são os menos culpados. Os culpados desta situação são os próprios educadores indígenas: professores, lideranças e pais.

A história da educação escolar que alguns de nós temos participado, principalmente, nos internatos salesianos nos proporcionou um contributo diferente na nossa formação: mais profissionalização do que muitas teorias. Para que isso acontecesse as Missões Salesianas eram bem equipadas com muitas oficinas:

marcenaria, mecânica, sapataria, alfaiataria. Na educação escolar de hoje constatamos o contrário: mais *teóricos* do que *técnicos*. Hoje, também temos, alguns cursos, porém não ligados às escolas. Não visa mais o preparo profissional para todos os estudantes, mas somente para aqueles que estão interessados.

A mesma história nos leva à constatação de resultados que nos preocupam e ao mesmo tempo nos animam. Digo isso porque, embora o sistema educacional tenha tentando fazer de nós uma “purificação da nossa indianidade” não conseguiu. Nós indígenas continuamos sendo os mesmos indígenas; a educação escolar não aboliu a nossa raça. O que aconteceu foi o aumento de sofrimento, de angústia, insegurança. Primeiro porque estamos tendo muitas dificuldades para integrarmos com as nossas culturas indígenas e, em segundo lugar, não conseguimos integrar dentro das culturas não-indígenas que nos foram apresentadas como meta de chegada. Por isso que surge um questionamento sobre a educação indígena e educação escolar, hoje: onde queremos chegar com a educação que temos?

Olhando para dentro de nossas culturas, podemos enxergar a força de resistência grande em meio às forças das escolas, da evangelização e catequese: as nossas raças não foram extintas. Embora escondidos, por medo dos missionários, eles continuavam ensinando e mostrando suas sabedorias: danças, músicas, benzimentos aos filhos e netos. Estas sabedorias existem entre nós, só que muitos de nós não conhecemos, se conhecemos não queremos partilhar.

Olhando para as novas gerações de indígenas as vejo como gerações em processo de suicídio étnico, *lento e progressivo*. Cada vez mais novas gerações deixam de *pensar* que são indígenas e acham cada vez mais que um dia *deixarão* de ser indígenas ou pior ainda, já sentem que não são mais índios.

Estas e outras realidades nos convidam para um novo pensar sobre a nossa educação escolar. Percebo que nós indígenas temos muitas possibilidades e facilidades para começarmos uma nova maneira de educar as novas gerações e de montar escolas diferentes. Vejo que os governantes e especialistas em educação estão preocupados com a educação e escolas indígenas. É bom dizer que nem todos, os governantes levam em conta aquilo as leis determinam, pois existem muitos governantes que não gostam de povos indígenas. Porém, é bom reconhecer que há movimento de incentivo para que a educação e escolas indígenas funcionem. O que acontece, hoje, é que os próprios indígenas não estão aceitando estas novas propostas educativas. Diante destas realidades que precisamos repensar e não devemos ter medo de pensar e agir diferente.

CAPÍTULO II - AS CULTURAS

Nesta parte coloco algumas definições sobre *a cultura*. São tópicos, pois a intenção não é fazer uma explanação ampla sobre o tema, mas fundamentar os temas seguintes com alguns significados que são consensos entre os estudiosos das culturas. E, a educação indígena é um elemento importante da cultura do povo indígena.

Caro leitor, estas definições não representam a totalidade das definições sobre os estudos feitos sobre as culturas, portanto, poderão ser complementadas por outras definições. Estas definições não pretendem ser melhores, porém foram as definições que eu escolhi por serem de correntes latino-americanas, e, também porque alguns deles foram meus mestres numa etapa de minha formação acadêmica. Aqui estão algumas definições:

- **Enrique Dussel:** *cultura*: é o “conjunto orgânico de comportamentos predeterminados por atitudes ante os instrumentos de civilização, cujo conteúdo teleológico é constituído por valores e símbolos

do grupo, isto é, estilos de vida que se manifestam em obras de cultura e que se transformam o âmbito físico-animal e um mundo, um mundo cultural”²;

- **Carlos Maria Galli:** *culturas*: são os “diversos estilos de vida comum e escalas de valores diferentes; a *cultura* é o modo particular de realização do humano em uma comunidade, nação ou povo, ou seja, o modo de vida de determinado povo”³;
- **Marcello de C. Azevedo:** *cultura* é o “modo próprio de ser e de viver de um grupo humano, modo pelo qual o grupo se identifica. Em sua multiplicidade, as culturas resultam das ações e reações de grupos humanos em suas relações com a natureza e o meio ambiente, com as pessoas singulares e outros grupos humanos...”⁴;
- **Paulo Suess:** *culturas*: “representam a codificação do projeto histórico de cada povo ou grupo social. A cultura engloba o conjunto da realidade sócio-histórica de um grupo humano. A cultura articula visão, percepção, criação e organização social do mundo. A cultura articula o mundo que vejo, sinto, faço, organizo e sonho”⁵.

Todos os estudiosos, que olham as culturas, a partir de fora, percebem como a vida de um povo funciona. Se nós olharmos as nossas culturas indígenas a partir de dentro, percebemos que também nós temos os nossos mestres de culturas, dos saberes indígenas, conhecedores de benzimentos, mestres de cerimônias, mestres dos ritos e rituais, mestres de danças e músicas, cantores e cantoras, contadores de nossos mitos e histórias, conhecedores da natureza que nos envolve, *são os nossos avôs*.

Os nossos avôs e avós são as fontes de conhecimentos de nossas culturas étnicas. Com eles podemos aprender muitos conhecimentos que não estão escritos nos livros, mesmo que o mundo acadêmico não queira acreditar como conhecimentos científicos, nós indígenas os reconhecemos como valores fundamentais. Para nós, indígenas, a concepção daquilo que é científico é diferente. Neste sentido não adianta brigar com os acadêmicos, eles não conhecem o nosso estatuto científico.

CAPÍTULO III – CULTURAS INDÍGENAS

Nesta parte procuro escrever o sentido das culturas. É uma interpretação minha a partir daquilo que entendo como um indígena Tuyuka. Por outro lado, alguns conhecimentos(conceitos) que tenho adquirido durante a minha formação acadêmica se misturam com a interpretação de valores étnicos. Também não significam verdades plenas. Podem ser compreendidas como conhecimentos relativos(à minha etnia, à minha formação acadêmica, contato com outros povos indígenas...).

A *cultura indígena* é *projeto de vida* de um *povo indígena*. Neste sentido, não podemos pensar que um povo indígena vive de qualquer jeito a sua vida. Pelo contrário, cada povo indígena(etnia) já traz um projeto de vida tecido desde as origens da humanidade e do mundo(mito de origem do homem e do mundo).

Se olharmos bem para as nossas origens étnicas, o projeto de vida de cada etnia é projeto de vida de deuses, entes superiores que inspiram a uma etnia, um estilo de vida e a dotam de saberes e riquezas para que ela tenha uma identidade própria e diferente de outras etnias. Aí está a riqueza de cada povo indígena da nossa região: nenhum povo é sabedor de tudo. Assim todos precisam de todos, basta a ver as práticas culturais dos

² Enrique Dussel, *Oito ensaios sobre cultura latino-americana e libertação*, p. 74.

³ CELAM, *O futuro da reflexão teológica na América Latina*, p. 193.

⁴ Márcio Fabri dos Anjos, *Teologia da inculturação e inculturação da Teologia*, p. 17.

⁵ *Idem*, p. 114.

diversos povos indígenas existentes na nossa região. Cada etnia é especializada em algum tipo de trabalho, arte. As riquezas de diferentes povos indígenas se complementam.

Os indígenas, membros de uma etnia constroem diversas ações para concretizarem o seu projeto de vida. As diversas e diferentes ações acontecem para responderem às exigências da vida humana, a nível interno(da etnia) e externo(de outras etnias); para responderem a exigências do mundo(tempo, cosmo...). Assim, as culturas estabelecem suas estruturas dinâmicas.

A cultura é fonte humana de diversidade, pois ela mesma é geradora e gerada das/pelas ações humanas. Cada povo constrói um modo próprio de ser, de viver; pensar, agir, cria e recria os usos e costumes; estabelece mecanismos de ação e comunicação; inventa e reinventa os símbolos e sinais; estrutura as diversas normas e rituais; modo próprio de crer e não-crer; de acreditar e ter medo; cria línguas e linguagens de acordo com as exigências da época; cria expressões estéticas e artísticas próprias; possui modo próprio de desenvolver o trabalho, a produção e o consumo; possui modo próprio de controle ético; possui a maneira própria de narrar para os seus filhos os próprios mitos e histórias; tem as suas regras de convivência com os membros da própria etnia e com os membros de outras etnias.

A cultura indígena é o conjunto de sentidos e significados; de valores e critérios que os membros de uma etnia estabelecem para o funcionamento equilibrado do grupo. A cultura indígena não se resume em aparências, mas por detrás de tudo o que se vê e se ouve, está tudo aquilo que um membro da etnia sente. São significados profundos. Somente um membro da etnia poderá sentir os seus verdadeiros sentidos. E, mais ainda, aquelas pessoas bem formadas(pajés, sábios, benzedores, mestres de cerimônias, danças, músicas) poderão desvendar os grandes significados dos acontecimentos da vida e do mundo, em vista do presente e do futuro melhor para a etnia.

Assim sendo, somente os membros da etnia sentem os significados profundos de suas etnias. Para quem não pertence a uma etnia muitos valores étnicos não são perceptíveis. Desta forma, aquilo que os grandes estudiosos de culturas indígenas escrevem e publicam em diversos livros são apenas resultados daquilo que se eles vêem, escutam e interpretam. Claro que deles não se pode exigir muito, porque nunca se sentirão como indígenas dentro de várias tradições e costumes.

As culturas indígenas no plural são os produtos humanos de diversas etnias. Os indígenas criam e recriam a vida. Por este motivo, as culturas indígenas estão marcadas pelos seus limites, superações e conquistas. Não existem culturas indígenas perfeitas e puras, e, não devemos absolutizar as culturas indígenas e nem desprezá-las. As culturas indígenas acompanham o ritmo de vida das pessoas, por isso, elas estão sujeitas a constantes mutações⁶. As culturas são vidas. As pessoas são as culturas.

A cultura, embora sendo projeto de vida de um povo, ela falha no momento de defender e promover a vida humana, pois dentro dela existem luzes e sombras. As culturas não esgotam o sentido do humano. Todas as culturas precisam ser enriquecidas pelas culturas dos outros. Assim, as culturas indígenas do alto Rio Negro precisam ensinar os seus valores para outros povos indígenas e não-indígenas e receber as riquezas de outros povos. Nós, indígenas não devemos pensar que sabemos tudo e não precisamos dos outros. Deste modo estaríamos nos empobrecendo. Por outro lado, não podemos ficar só recebendo as contribuições dos outros, temos que também, oferecer as nossas riquezas para os outros. Assim nós tornaremos povos conscientes de nossas riquezas e necessitada de valores de outros povos. Entre nós sempre foi assim, um povo sempre contribuiu com outros povos.

Não podemos “satanizar” as nossas culturas indígenas, condenando os nossos próprios valores. Também, não podemos cair no “endeusamento” das nossas culturas indígenas, fechando-nos no “purismo

⁶ Márcio Fabri dos Anjos, *Teologia da inculturação e inculturação da Teologia*, p. 18.

cultural”. Da mesma forma não podemos “satanizar” as culturas vindas de fora (culturas não-indígenas) como se tudo aquilo que vem de fora não servisse para a vida dos povos indígenas e nem “endeusá-los” como se fossem soluções para as nossas vidas indígenas.

A partir de nossas matrizes culturais, devemos assumir a atitude de selecionar os valores que enriquecerão as nossas vidas indígenas. Existem alguns valores que, entrando nas culturas passarão por sérios questionamentos, tais como, autonomia, democracia, liberdade e igualdade. Com certeza entrarão em conflito com os diversos estilos de vida dos povos indígenas, pois as etnias da nossa região funcionam a partir de níveis sociais diferentes (clãs)⁷. É neste sentido que precisamos repensar dentro da nossa educação indígena, também das influências externas. Muitas vezes são grandes valores de outras sociedades. Para nós, indígenas, estes valores terão o mesmo sentido que tem em outras sociedades ou terão que passar pela peneira cultural para se constituírem valores um para a nova sociedade?

Os povos indígenas do alto Rio Negro trazemos, projetos de vida que já vêm se desenvolvendo há muitos séculos. Porém, sabemos que nem tudo foi posto em prática. Todos os projetos são assim. Não basta ter um bom projeto na mente ou no coração de um povo para que as coisas se concretizem. Precisamos pessoas que possam ajudar-nos na contínua construção de nossas culturas.

Quaisquer iniciativas no campo da educação indígena (escola, evangelização...), em meio aos povos indígenas, deverão ter como objetivo principal ajudar no crescimento e fortalecimento de nossas culturas indígenas, tornar-nos como defensores da vida, defensores das culturas: costumes, tradições, crenças, ritos, mitos, músicas, danças. Se estas iniciativas não estiverem alcançando este objetivo precisam ser repensadas e redirecionadas.

Os povos indígenas do alto Rio Negro, como todos os outros povos do mundo, possuímos muitos valores que são vividos e muitos valores esquecidos. Sabemos, porém, que a prática de muitos deles está enfraquecida por diversos fatores como estes: evangelização, catequese; as escolas que temos; falta de interesse dos próprios indígenas; falta de conhecimento dos valores culturais; meios de comunicação social; influências de sociedades não-indígenas.

CAPÍTULO IV – EDUCAÇÃO INDÍGENA

Nesta parte resgato o sentido da educação indígena a partir daquilo que eu entendo e partir daquilo que a minha família me ensinou. Creio a partir destas colocações o leitor resgatará os ensinamentos de seus pais e de seus parentes.

Desde às origens, nós indígenas, temos a nossa educação a partir da nossa compreensão da nossa vida, da vida de outros povos, do funcionamento da natureza (animais, vegetais, cachoeiras, peixes...) e da relação com o cosmo.

Os nossos avôs procuravam formar bons indígenas (cada qual dentro de sua etnia), para que seus filhos e netos fossem capazes de respeitar as outras pessoas da família, irmãos da etnia e pessoas de outras etnias. Capacitavam seus filhos para os trabalhos (plantio, caças, pescas, artesanatos...) pois através disso se podia ver uma pessoa preparada para a vida. Era outro modelo de educação e aí se podia fazer o discurso sobre a “*educação para a vida indígena*”. E, não como agora que na escola se tenta preparar o jovem para um estilo de vida diferente e ao terminar os estudos ele acaba voltando para um estilo de vida para o qual não foi preparado (vida indígena: na roça, na pescaria, na caça...).

⁷ Márcio Fabri dos Anjos, *Teologia da inculturação e inculturação da Teologia*, p. 18.

Os nossos avôs capacitavam seus filhos e netos para as danças, rituais, cerimônias, músicas, pinturas... Esta era a forma de valorização da nossa origem humana e valorização do mundo. Todas estas atividades continham significados sagrados e míticos. Para alguém que chega de fora, isso pode não ser nada, mas para quem é membro da etnia todas estas ações representam a história de seus avôs, história de sua etnia, representa a forma como veneravam o tempo, o espaço, os deuses. Através de narrações de mitos e práticas de ritos manifestavam o grande sentido religioso da existência humana.

Hoje vemos que este modelo de educação dos filhos está enfraquecido. Não existe com tanta intensidade como no passado, mas em muitas aldeias existe. Chegamos a esta situação porque estamos passando por novos modelos de educação. Não poderia ser diferente, pois a educação prepara a pessoa para viver em cada momento histórico. Desta forma, a educação indígena passa por muitas mudanças, porém a preocupação continua sendo se com este modelo de educação estamos ajudando ou prejudicando a pessoa do indígena.

Aquilo que eu percebo é que própria família pouco ou nada se preocupa com as questões indígenas na educação dos filhos. Assim, os jovens estudantes estão mais preocupados com estas idéias: ir para a cidade, ter emprego, ter dinheiro, comprar suas próprias coisas, divertir. Quando estou escrevendo sobre isso, eu não estou querendo que eles não saiam de suas aldeias(povoados, vilas), pois acredito que todos têm direito de ter acesso às melhores oportunidades que a sociedade nos oferece. Mas os nossos jovens estão tendo melhores oportunidades(estudo, trabalho, emprego, cursos...) como nós educadores os inculcamos? Ou eles acabam ficando nas suas vilas, aldeias, povoados sem que nós os tenhamos preparado?

A partir desta consciência de mudanças profundas na prática da educação indígena não podemos aceitar como ela vem sendo reproduzida. Ela precisa ser repensada por nós(educadores, professores, líderes...): que tipo de indígenas queremos ser, hoje? Que tipo de indígenas queremos formar para a nossa sociedade? Estamos satisfeitos com os tipos de indígenas que nós ajudamos a formar? E, nós somos sabedores de que 90% dos estudantes que concluem seus estudos não conseguem se inserir no mundo apresentado para eles durante vários anos de estudos. Eles acabam em seus povoados e em suas vilas. Parece que nós educadores não preocupamos em prepará-los para o retorno e vivência nas suas aldeias. Assim, eles passarão por duros anos até se adaptarem ao estilo de vida que nem a escola e nem a família os preparou.

A educação indígena é o processo pelo qual os membros de uma sociedade indígena socializam as suas riquezas com as novas gerações, objetivando a continuidade dos valores e instituições considerados fundamentais. É a obediência a conjunto de normas de comportamento aprovadas pela tradição. As diversas tradições étnicas mostram a necessidade de continuidade, porém, nem sempre sentimos a sua importância.

Educação indígena é o indivíduo desenvolvendo a sua personalidade indígena para se tornar homem ou mulher ideal para a sua comunidade indígena. É o processo pelo qual o índio aprende a ser índio(um Tuyuka ensinando ao Tuyuka a ser Tuyuka): aprendendo a viver bem como pessoa; viver bem com outras pessoas e com o seu ambiente. A educação indígena ensina a cultura indígena, durante toda a vida e sobre todos os aspectos da vida individual e coletiva(comunitária)⁸.

A educação indígena está intimamente ligada à existência da cultura indígena. "... a educação indígena tem como finalidade principal e última: formar bem o homem e a mulher indígena, isto é, que eles sejam verdadeiros(autênticos) indígenas. Significa que eles devem assumir os valores de seu povo, da sua etnia, aprender sua língua, suas músicas, suas artes, seu modo de honrar a etnia com seu trabalho e sabedoria. Para a sua aprendizagem o mecanismo principal de ensino é a convivência e prática"⁹.

⁸ Bartomeu Melià, *Educação Indígena e Alfabetização*. S.Paulo, Loyola, 1979, p.12.

⁹ Pe. Justino Rezende, *Escola Indígena*(artigo). Iauaretê, 1998.

Para muitos de nós faltam estes elementos. Eu mesmo sinto falta de vários elementos culturais do povo Tuyuka. Claro que, na medida de minhas possibilidades, procuro participar e aprender. Seria muito fácil para mim, ficar acomodado, dentro da instituição eclesial e esquecer dos valores culturais Tuyukas, mas não é assim que eu penso e faço. Quero aprender muitas práticas culturais do povo ao qual pertença e, para aprender tenho que ir lá, no meio dos meus parentes Tuyukas: ver, ouvir, participar, perguntar.

No contexto atual sentimos dificuldades para estabelecer os parâmetros adequados para uma *educação indígena* que forme a pessoa para uma boa inserção na vida de aldeia, vila e comunidade. E, também para aquele que quiser ter uma boa inserção na vida da cidade, pois quando alguém quiser sair, ninguém vai segurá-lo.

A educação indígena não está sendo discutida hoje, ela existe desde que nós existimos(mitos) e vem sendo construída(história) a cada época de forma diferente. Nós continuamos assumindo este caminho de construção. A dificuldade que sentimos é a ausência de conhecimentos étnicos em nossas vidas que poderiam ser utilizados na educação de novas gerações: formar a pessoa do índio para viver nos dias atuais. Nós não queremos colocar um índio na vitrine para ser “visto”, “admirado: que bonitinho!” ou para que os outros “tenham dó dele: coitadinho!” , mas queremos formar um índio vivo e atuante na sociedade. A questão é: como? A resposta surgirá de nossas reflexões e reuniões das comunidades, dos professores, dos estudantes. Por isso, não devemos ter medo de discussões, pois elas apontarão para nós, caminhos novos.

Quando trato da educação indígena não estou tratando da estrutura física(escola) e gestão escolar(cargos), mas com os conteúdos a serem ensinados para os indígenas. O que vamos ensinar(contéudos)? Como vamos ensiná-los(métodos)? Acredito que a partir disso podemos redirecionar o modelo de educação que assumimos hoje(na família e nas escolas). Se for possível até romper com a estrutura da educação escolar vigente no nosso distrito de lauaeté.

Os pais terão que assumir outro estilo de educação para os seus filhos e filhas. Assumir mais o modelo indígena(de sua etnia). A educação escolar deverá passar por um processo de revitalização dos valores indígenas e não simplesmente se contentar em lecionar uma disciplina como arte indígena e língua indígena(este é um paliativo). Precisamos descobrir as raízes dos problemas para que possamos estruturar um novo modelo de educação(familiar e escolar).

Aposto para nós alguns elementos que caracterizam a educação indígena. Se você, leitor indígena souber mais elementos pode acrescentar. Com certeza será de enriquecimento para você. Caso alguns elementos colocados aqui não enquadrarem segundo a vivência de sua etnia, pode eliminar do texto. Se os elementos apontados aqui servirem para o seu conhecimento, faça bom proveito:

- a) educação indígena é *comunitária*. Ela exige dos membros da comunidade uma estrutura mental de responsabilidade e de participação para o bem da comunidade: todos tornando-se responsáveis pela educação de seus membros. Vejam que ela prima pelo sentido comunitário do que pelo individual. O individual deve funcionar tendo em vista o bem da comunidade. Na ausência disso surge o individualismo, egoísmo, isolamento e a comunidade não funciona;
- b) educação indígena possui conteúdos específicos. Cada etnia se apresenta diferente de outras etnias pelas suas riquezas culturais. Neste sentido cada etnia trabalha para que cada membro aprenda os valores de sua etnia. Cada indígena é reconhecido como tal pela sua diferença; muitos conhecimentos sobre as nossas culturas não estão escritos nos livros, pois são conhecimentos que aprendemos ouvindo, participando e praticando;

- c) a educação indígena é contextualizada. A pessoa é educada dentro do seu lugar, pois lá a pessoa aprenderá a ser um indígena daquela etnia: uso da língua própria, tradições, costumes, tipos de comida, danças, festas, rituais, cerimônias;
- d) a educação indígena possui a consciência cultural coletiva: exemplo: os Tuyukas do Rio Tiquiê montaram uma escola Tuyuka para atender seus filhos Tuyukas e prepará-los para viverem bem como Tuyukas nas comunidades Tuyukas. Para que isso acontecesse, todas as comunidades Tuyukas tiveram que assumir as responsabilidades de ajudar para que aquele modelo de escola funcionasse. O objetivo dos Tuyukas através da escola é fortalecer os valores culturais Tuyukas e fortalecer o próprio povo Tuyuka;
- e) a educação indígena torna o indígena protagonista: é índio educando índio, índio ensinando o outro índio a ser índio: exemplo: na escola Tuyuka, os Tuyukas ensinam aos jovens Tuyukas como devem ser os Tuyukas: conhecimentos sobre a vida, sobre o mundo, sobre os trabalhos, as caças, pescas, danças, músicas, ritos;
- f) a educação indígena exige métodos próprios para o ensino. Na parte introdutória eu dizia que os nossos avôs indígenas ensinavam aos seus filhos e netos desta forma: “nossos avôs indígenas ensinavam(educavam) *mostrando-vivendo-falando* e seus filhos e netos aprendiam *vendo-praticando-ouvindo*”;
- g) a educação indígena possui pedagogia própria. A preocupação aqui deve ser: para onde nós estamos conduzindo este índio? Se a preocupação do educador estiver mais voltada para a comunidade indígena ele usará uma pedagogia mais indígena; a preocupação maior é com a pessoa do indígena. E, o que nós precisamos ensiná-lo para que se torne um bom indígena? A partir disso, os indígenas adultos vão acompanhando os seus jovens e introduzido para as práticas culturais no momento certo e avaliam a sua participação;
- h) a educação indígena tem a própria estruturação. Cada etnia tem instrumentos de ensino, em cada época da vida de uma pessoa e grupo tem ensinamentos apropriados. Por isso, na educação tem conteúdos que uma criança não pode ouvir e nem aprender e só lhe serão ensinados nos momentos que os pais perceberem que chegou a hora de ensinar tais conteúdos. Assim a educação indígena tem a sua estruturação, não é feita de qualquer maneira. Existem elementos culturais que somente o homem pode aprender e outros que somente a mulher aprenderá. Não se ensina tudo e para todos;
- i) a educação indígena respeita a idade de seus membros. Para cada etapa do crescimento são destinados ensinamentos próprios. Cada etnia tem o seu modo próprio de ensinar os conteúdos para os filhos¹⁰;
- j) a educação indígena acompanha o ritmo do tempo(estações: verão, inverno...); há época para fazer roças; há época para as pescas; épocas para caçadas; para visitas aos parentes; época de colheita; há época de festas, rituais, cerimônias, etc¹¹;
- k) a educação indígena possui os seus critérios de avaliação da aprendizagem do membro da comunidade. Por pouca coisa que ele consegue fazer, a comunidade fica alegre. A prática de certos elementos culturais é mais exigido para os filhos dos chefes da etnia e pouco menos para os outros.

¹⁰ LDB, n. 9.394/20/12/1996, Artigo 79, § 2º, III.

¹¹ Idem, Artigo 23, § 2º.

Alguns elementos são mais exigidos para os rapazes e menos para as moças. A prática de outros elementos é mais exigida para as moças e menos para os rapazes.

A *educação indígena* que estou descrevendo é a nossa história indígena. A valorização dela é a valorização de tantas pessoas que já contribuíram com esta história. Os nossos avôs já falecidos, mas vivendo no meio de nós devem estar olhando para nós, seus netos e perguntando: como estamos levando para frente a história que eles começaram a construir? Nós que já passamos nas escolas e hoje somos professores de muitos parentes, o que fazemos de diferente, de específico no campo da educação indígena? Os nossos avôs contribuíram com muitos valores. Diante destes questionamentos é necessário olhar para a nossa prática, refletir sobre esta prática e traçar algumas metas para que as nossas culturas indígenas continuem crescendo.

A *educação indígena* está exigindo de nós, novos métodos e novos conteúdos no processo de nossa formação e na formação de novas gerações.

A *educação indígena* exige de nós conhecimento de nossos valores culturais. Não se trata de um *isolamento* no mundo indígena. Porém, o que não deve acontecer é o *divórcio* entre a *cultura indígena* e os conhecimentos adquiridos *na formação acadêmica*.

A *educação indígena* exige de nós um compromisso maior com a valorização de nossos valores culturais. Um povo indígena com uma *educação étnica* forte pode propor um novo modelo educacional que não correrá o risco de ser anulado em seus valores. Este trabalho depende de nós, indígenas. Só um indígena ensinará o outro indígena a ser indígena. Os não-indígenas poderão contribuir com os indígenas de outra forma: assessorando, incentivando e organizando junto com os indígenas. Nós, indígenas temos que assumir a dianteira da valorização de nossas culturas.

No contexto, como o nosso(alto Rio Negro) onde a maioria dos índios se sente como “civilizado” é mais difícil iniciar de imediato um trabalho como escola indígena. É necessário uma paciência para continuar um trabalho de conscientização sobre as culturas indígenas, seus valores, sua educação. Há de se levar em conta que o modelo de educação escolar na nossa região vem desde a década de 1920 e, portanto, são mais de 80 anos. Por isso, não é tão simples iniciar um trabalho diferente de uma hora para outra.

Insistindo sobre a importância da educação indígena, não estou dizendo que devemos viver o mesmo estilo de vida de nossos avôs. Todos sabemos que não é possível voltarmos no princípio de nossas etnias. Porém, se queremos aprender alguns valores, temos que passar pela nossa história(passado). A nossa história ensinará para nós, grandes lições de vida, lições de vida indígena: sabedorias, danças, artes, alegria, conversas, respeito, partilha, solidariedade.

O mundo envolvente nos apresenta muitas atrações e, muitos ficamos abismados com a tecnologia que a televisão nos mostra, com as músicas que nós ouvimos, com os modelos de roupas que vemos nas revistas, ficamos fascinados com os objetivos que as escolas nos apresentam. Tudo isso é bom. Quando trato da educação indígena não estou desprezando os valores culturais de outros povos e de outras sociedades. A preocupação com os elementos externos às nossas culturas é sobre o quanto a supervalorização dos valores externos pode levar ao esquecimento de nossos valores culturais. A destruição de nossas culturas acontece de forma muito sutil, isto é, não sentimos as dores da destruição, mas quando percebermos estaremos já destruídos. E, para não passarmos por essa morte, estamos refletindo sobre o valor de nossa educação indígena.

Olhemos um pouco para as práticas de nossas vidas no mundo atual. Os nossos relacionamentos com os outros são movidos pela *competição*, *individualismo* e *lucro*. Cada um de nós quer ser melhor do que o outro e menosprezamos os nossos irmãos e parentes. Cada qual pensa em si, no seu bem-estar e o bem-estar do

outro não interessa muito. A venda e compra aumenta cada vez mais na nossa prática. Qualquer coisa que temos queremos vender. É uma tendência desenfreada pelo dinheiro.

A criação e o fortalecimento da atitude de amor para com as nossas culturas deve partir do interesse de cada pessoa incentivada pelas famílias e comunidades. Nós só podemos amar as nossas culturas se as conhecermos.

O principal espaço onde se aprende e vive os valores é a família. Em segundo lugar a comunidade(aldeia, povoado). Os pais são os primeiros educadores de seus filhos. Eles *falam* e *mostram* o sentido das culturas(etnias). Dentro da família que começamos a respeitar e a valorizar a pessoa do "outro", a pessoa de nossa etnia, os nossos parentes, primos, tios, tias, avós... Se as famílias, hoje, não estão em condições de ensinar os valores culturais para seus filhos e netos, a nossa atenção deve voltar para a educação de adultos. Como é que um adulto que não conhece seus valores vai ensinar para os seus filhos e netos?

Os membros de uma aldeia possuem uma tarefa muito importante na educação aos valores culturais entre os membros de uma etnia. A aldeia é um espaço de ensino e aprendizagem. Ela é a mãe que deve educar seus filhos através de diversas pessoas que formam a comunidade: *pais, líderes, anciãos, sábios, músicos, dirigentes de danças, benzedores, curandeiros, pajés, mulheres donas do saber, os jovens com seu dinamismo; prática de danças, narração de mitos, realização de rituais(diversos)*.

Estamos sempre passando por profundas mudanças dentro de nossas etnias. Surgem novos modelos de organização social e novos líderes são constituídos. Por um lado, favorecem novos resultados na convivência humana e, por outro, criam conflitos entre a tradicional organização social.

Outras mudanças são provocadas pelos nossos parentes que retornam de outros contatos com povos não-indígenas. Perante às novas influências que chegam, por um lado, há resistência positiva(defesa das tradições) da parte de quem permanece nas aldeias(povoados). consideração de parentesco, maneira de constituir casamentos, forma de trabalhos. E, por outro, há uma compreensão daquilo que é bom(vindo de fora). Não existe um radicalismo perante às novidades.

As nossas culturas indígenas não podem fechar-se para dentro de si mesmas. Elas devem estar dispostas para aprender os novos conhecimentos e novas práticas de vida com as outras culturas não-indígenas. E, também devemos estar prontos para ensinar os nossos conhecimentos e nossas práticas de vida para os outros povos que queiram aprender conosco.

A partir do momento em que nós estabelecemos relacionamentos com os diversos povos indígenas e não-indígenas as nossas vidas passam por diversas mudanças e, muitas vezes acontecem em meio a diversos conflitos. Por isso, estabelecemos normas/leis que nos ajudam a estabelecer uma convivência mais humana. As transformações culturais criam em nós, novos comportamentos, novas maneiras de ver e viver a vida, novos pensamentos e novas práticas de trabalho, novas relações parentais e novas práticas religiosas. Estas realidades acontecem em meio às críticas. Tem que ser assim, não dá para ir aceitando as novidades sem questioná-las.

A preocupação com o desaparecimento de algumas práticas tradicionais tem sua razão de existir, pois muitos valores ficaram no esquecimento por falha da nossa educação indígena. Uma realidade que conduz os jovens para os novos parâmetros de vida é a educação escolar(esquecimento dos valores culturais indígenas). Por isso, que precisamos continuamente repensar no tipo de influência que a educação escolar provoca nas nossas comunidades indígenas.

No passado, os internatos das missões salesianas (eu passei no internato de Pari-Cachoeira) provocaram uma ruptura no percurso da educação indígena, impedindo-nos de muitas práticas culturais: rituais, cerimônias, danças, aprendizado de instrumentos musicais, artes... Os internatos nos direcionavam para novos horizontes de vida. Não estou dizendo que tudo o que aprendi nos internatos não me serviu. Pelo contrário, muitas coisas que eu aprendi servem para a minha vida. Vejo que, graças àquele modelo de educação, temos profissionais em diversos setores: marcenaria, mecânica, alfaiataria, pedreiros, mestres de construção, músicos... Graças à educação salesiana, a região do alto Rio Negro apresenta o menor índice de analfabetismo no Brasil. Graças à educação salesiana temos profissionais em educação: professores, professoras, servidores, temos catequistas, temos padres indígenas e freiras indígenas.

Muitas vezes fico imaginando que se os salesianos tivessem, desde cedo, valorizado os nossos valores culturais na educação escolar, teriam resultados muito diferentes.

Em muitos momentos, quando nos sentimos incapazes de reencontrar os nossos valores culturais, nós culpamos a ação da Igreja no meio de nós e, principalmente, da prática educativa dos salesianos. É importante reconhecermos essas sombras durante a ação dos salesianos, pois assim, nós evitaremos os erros do passado. A coerência de nossas críticas deve nos fazer entender que, naquele contexto em que eles atuaram, eles procuraram fazer o melhor dentro de seus projetos. Seria uma injustiça grande com eles julgar as suas ações a partir de atuais paradigmas históricos.

A própria Igreja desde a década de 1960, com o Concílio Ecumênico Vaticano II, a própria Sociedade de São Francisco de Sales (salesianos), renovaram suas práticas de evangelização e, também no campo da educação. Nesta região nós, salesianos, atualmente não estamos diretamente nas escolas. Acredito que com a consciência que temos, se estivéssemos nas escolas, com certeza atuaríamos de forma mais adequada com a realidade dos povos indígenas.

Tanto a Igreja mudou que ela, hoje nos incentiva para a valorização das nossas culturas. Agora somos nós que devemos estabelecer novos caminhos e novas práticas para a evangelização de nossos irmãos. É a nossa vez de evangelizar, com todos os valores étnicos que possuímos. Cabe a nós, deixar para trás, tudo aquilo que é destrutivo, mesmo que sejam elementos de nossas etnias, nossas culturas. Aquilo que eu digo para a evangelização serve para a educação escolar.

A prática educativa dos salesianos, como escolas (internatos) já não existem mais. Desde o ano de 1988 que os internatos não existem mais. Depois que os salesianos saíram das escolas e com o fim de internatos, que modelo de educação escolar criamos? Que tipo de formação humana e que tipo de profissão ensinamos aos jovens?

Somente para fazer algum cálculo matemático, de 1988 para 2004 são dezesseis anos. Quando, ainda existiam internatos, nós já possuíamos professores indígenas em nossas escolas e aumentou mais ainda nos últimos anos. Podemos perguntar a nós mesmos: nós indígenas que tipo de escola estamos fortalecendo?

Acredito que, a partir do momento em que os internatos deixaram de existir no meio de nós, os professores indígenas não permanecerão livres pelos erros cometidos na história da educação escolar desta região. Os salesianos tiveram suas culpas por uma parte da história e agora os próprios indígenas tem parcelas de culpa. É hora de assumir esta história de forma diferente, de maneira renovada. Posso até prever que daqui à alguns anos as gerações mais novas estarão culpando os profissionais indígenas de hoje por não terem feito nada de novo. Estejamos prontos para ouvir e ver as críticas que eles farão.

Para o processo de valorização e revitalização de nossas culturas, nós podemos revalorizar a presença dos anciãos, pois eles são os guardiões das sabedorias. Eles devem ensinar as verdades de suas culturas, de

suas etnias para os seus netos. Aqui não digo, para as pessoas interessadas, pois as tradições de nossas etnias dizem que as sabedorias só são ensinadas para os seus próprios filhos e netos (passa de pai para filho e neto). Enquanto não assumirmos os nossos valores culturais, também a educação indígena tornar-se-á vulnerável. Por isso, devemos fazer um trabalho de mutirão (conjunto) de resgate de nossos valores culturais/étnicos: adultos, jovens, mulheres e crianças. Principalmente, devemos aproveitar para aprender dos mais velhos suas sabedorias, enquanto eles estão vivos, pois quando um sábio ancião morre leva consigo todas as sabedorias de um povo. Os anciãos são bibliotecas vivas, não podemos perder a oportunidade para aprender com eles. Aqui precisamos fazer um trabalho de conscientização com anciãos para mostrar-lhes que as sabedorias que eles detêm são patrimônios da etnia e não de uma família somente. Fazer este trabalho é mexer com uma das estruturas mais fortes e mais antigas de nossas culturas.

Quando usamos o termo *educação indígena* referimo-nos ao modo como nós indígenas ensinamos os diversos saberes, a forma como nós pensamos e interpretamos sobre a vida, trabalho, festa, alegria, tristeza, medo, o mundo. A educação indígena inclui tudo aquilo que somos e temos, nossos bens espirituais e bens materiais. Muitos bens de uma etnia só são visíveis para os membros de sua etnia. Neste sentido que uma autêntica educação indígena só poderá ser realizada pelos próprios indígenas da mesma etnia. Não adianta ficar esperando que os antropólogos, os missionários, o governo brasileiro vai realizar uma educação indígena.

Sabemos que existe esforços isolados de famílias que ensinam aos seus filhos os valores de suas etnias. A educação indígena é feita mais com a prática de vida do que com as palavras. Assim, os filhos ouvem, vêem e fazem. As nossas aldeias continuam sendo espaços apropriados para o ensino, aprendizagem e prática de valores culturais. Onde há uma grande concentração de pessoas e de várias etnias (como em Iauaretê) já se apresentam mais dificuldades para pôr em prática a educação indígena.

Nas aldeias, geralmente são poucas famílias e da mesma etnia (só homens, pois as esposas são de outras etnias). Por isso, favorece uma formação para os valores étnicos: doutrinas, sabedorias, conhecimentos, técnicas de trabalho, danças, músicas, ritos, benzimentos, mitos, segredos étnicos... Assim uma etnia fortalece os membros de sua etnia. Torna-se uma etnia forte, capaz de superar as diversas dificuldades da vida e constrói vida digna. Não estou afirmando que assim não existem problemas, pois qualquer povo e em qualquer lugar terá seus problemas. A construção de uma vida, de uma cultura é, também a superação de diversos problemas sociais, materiais, espirituais, culturais, étnicos.

A educação indígena nos ensina a classificação sociais de nossas etnias, pois este é o tema que conduz um povo para uma direção certa. Com isso nossos avôs ensinavam a maneira mais correta de convivência entre os membros da mesma etnia e com os de outras etnias. A própria aldeia era uma grande escola, com seus métodos, conteúdos, professores qualificados para diversos assuntos.

A realidade atual é muito diferente. Os pais pensam que a escola tem que dar formação para os seus filhos. E, muitas pessoas dizem: "agora é tempo de progresso". Chegam-se às estas conclusões só porque dançam no ritmo das músicas novas, vêem novelas, assistem jogos, acompanham as modas, falam o português, prestam serviço militar... Mas apesar de tudo isso, continuam sendo indígenas.

Um progresso que leva ao esquecimento da sua própria cultura não pode ser considerado progresso autêntico. Se estamos querendo resgatar nossos valores culturais, temos que andar em contra-mão deste progresso que invade as famílias, as aldeias e as escolas.

Ao mesmo tempo que percebemos este "deixar-se levar" pela onda do progresso, vemos diversas etnias reivindicando os seus direitos fundamentais: serem reconhecidos como Piratapuias, Dessanos, Tuyukas, Tarianos; começam a falar suas próprias línguas; começam a praticar os seus próprios valores. A partir desta consciência coletiva que nasce a necessidade de criar uma escola própria. Neste caminho estão os Tuyukas e Tukanos (no rio Tiquiê), Piratapuias (no rio Papuri), Tarianos (Iauaretê) e Wananos (Caruru).

Enquanto para outros, eles parecem caminhar para trás, para os membros destas etnias significa o começo de uma nova vida. Este trabalho é um trabalho lento e sacrificado, pois recebe críticas dos próprios membros e dos membros de outras etnias. Uma renovação é sempre assim. Eu fico admirado quando as crianças e jovens que aprendem com rapidez as suas línguas, conhecimentos, costumes, tradições... Mais uma vez, as crianças e jovens provam que não são eles que não gostam de suas culturas, mas os adultos que não querem empenhar para ensiná-los.

A educação bilíngüe que em muitas escolas tornou-se um simples discurso sem nenhuma prática, é apontado como um começo da valorização da própria etnia. Entre nós, a educação deve ser mais do que bilíngüe:

“Porque as tradições culturais, os conhecimentos acumulados, a educação das gerações mais novas, as crenças, o pensamento e a prática religiosos, as representações simbólicas, a organização política, os projetos de futuro, enfim, a reprodução sociocultural das sociedades indígenas são, na maioria dos casos, manifestados através do uso de mais de uma língua. Mesmo os povos indígenas que são hoje monolíngües em língua portuguesa continuam a usar a língua de seus ancestrais como um símbolo poderoso para onde confluem muitos de seus traços identificatórios, constituindo, assim, um quadro de bilingüismo simbólico importante”¹².

Este sonho se tornará uma realidade quando as famílias, as comunidades, as lideranças tradicionais, professores assumirem a educação indígena como base da nossa formação indígena. A partir daí penso que estaremos direcionando os diversos conhecimentos que adquirirmos do mundo não-indígena. A educação indígena que fortalece a nossa identidade indígena. E, sem ela seremos indígenas de aparência.

A ausência da educação indígena é aquilo que vemos atualmente em Iauaretê: muitas pessoas desconhecem os valores de suas etnias; não sabem quem são seus parentes e seus primos; não existe mais respeito entre as pessoas de diferentes etnias; tratam todos como se fossem membros de uma única etnia(tukano); se sentem como tukanos; casam com as pessoas da mesma etnia, etc.

O esforço que alguns de nós, estamos fazendo em aprofundar os sentidos de nossos valores culturais deve servir para ajudar as novas gerações que esperam de nós propostas novas, principalmente no campo das nossas culturas. Assim evitaremos realidades tristes e vergonhosas: negação de suas identidades étnicas.

CAPÍTULO V – EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Este capítulo, *Educação Escolar Indígena*, é um acréscimo ao tema principal deste artigo, *Educação Indígena*. Eu selecionei algumas questões ligadas à educação escolar indígena. Como disse, também com relação ao tema da *educação indígena* não tenho nenhuma pretensão de julgar as ações de muitas escolas e de muitos professores. Deste modo, você indígena que está mais engajado no campo da educação escolar indígena, não se sinta ofendido. O que você pode fazer é complementar este capítulo e usá-lo na sua prática.

No final deste capítulo, também coloquei aquilo que os professores Tuyukas descreveram sobre a escola que eles estão conduzindo. Neste relatório, eles colocam as suas conquistas, seus trabalhos, seus desafios e suas dificuldades. Este relatório mostra um pouco como funciona uma escola indígena e servirá como uma orientação para quem está pensando em criar uma escola indígena.

¹² MINISTÉRIO da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental: *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*. Brasília, 1998, p.25.

Os estudos demonstram que o tema da educação escolar indígena no Brasil vem obtendo, desde a década de 1970, avanços significativos no que diz respeito à legislação que a regula. O que acontece é que mesmo existindo leis favoráveis ao reconhecimento de uma educação específica, diferenciada e de qualidade para as populações indígenas, na prática surgem muitos conflitos e contradições a serem superados.

Todos os avanços e conquistas que os professores indígenas vêm fazendo em relação às escolas indígenas esbarra-se no momento da concretização dos objetivos estabelecidos. Eles, em muitos lugares, não conseguem colocar em prática seus objetivos nas escolas onde atuam e nem nas salas de aulas; em outros momentos, os objetivos esbarram-se nas barreiras de burocracias das secretarias de educação estadual e municipal.

A primeira parte destas barreiras (na escola, na sala de aula) seria mais fácil de superar porque depende do próprio professor indígena começar a pôr em prática os objetivos estabelecidos em assembleias. Muitos professores quando chegam na escola e entram nas salas de aula esquecem os objetivos assumidos para a concretização escolar indígena.

A segunda parte parece mais difícil porque nem sempre os administradores municipais têm a sensibilidade com as questões indígenas. Mas os professores indígenas terão que criar espaços para desenvolver a educação escolar indígena. Depende dos próprios professores indígenas e as comunidades indígenas a decisão de criar uma educação escolar indígena. Quando digo “criar espaços” não estou me referindo, aos espaços físicos, estou dizendo da necessidade de criar momentos de discussões, debates, seminários com a participação de diferentes pessoas (adultos, pajés, líderes, mulheres, jovens, estudantes, educadores, professores, assessores...) sobre o tema da educação escolar indígena.

A partir desses momentos formativos surgirão propostas novas, novos projetos, novas preocupações que, os encarregados de conduzir tal educação apresentarão perante os responsáveis do sistema educacional, a nível federal, estadual e municipal. Nós, os indígenas que temos que mostrar para eles as diversidades culturais existentes e não esperar que eles adivinhem os nossos sonhos. As nossas exigências farão com que eles revejam seus instrumentos jurídicos e burocráticos. Sem essa tomada de postura, dificilmente as propostas de funcionamento de escolas indígenas poderão ser viabilizadas. As próprias leis garantem que os próprios povos indígenas deverão realizar as suas próprias escolas e a partir de disso pedir o apoio técnico das instâncias estaduais e municipais. O que acontece muitas vezes é que nós desconhecemos as leis que tratam da educação escolar indígena. Precisamos acompanhar mais as leis que dizem ao nosso campo de trabalho (educação).

Os Conselhos Estaduais de Educação, os técnicos de Secretarias, estaduais e municipais, muitas vezes conhecem essas leis, porém não sabem por onde e como começar colocar em prática. Daí a importância que nós, indígenas tomemos as iniciativas para a concretização de escolas indígenas.

No nosso município de São Gabriel da Cachoeira, na maioria das vezes assumem a Secretaria Municipal de Educação pessoas que desconhecem as diversidades dos povos indígenas, embora 90% da população do município seja indígena. Em alguns momentos assumiram o cargo, pessoas que nem formação pedagógica possuem. Já tivemos indígenas assumindo secretaria municipal de educação, porém, foram com muita facilidade manipulados. Mas era a oportunidade de dar uma guinada diferente no funcionamento de educação escolar indígena.

A consciência da importância da educação escolar indígena existe na maioria das pessoas. O que falta é a prática. Aqui tomo a iniciativa de retomar aqueles Princípios assumidos pelos professores, no encontro de professores indígenas do Amazonas, Roraima e Acre, no período de 16 a 20 de outubro de 1994. Vocês verão que são princípios louváveis. Alguns professores que coordenaram e participaram daquele encontro atuam no nosso município. Eu pergunto: em quais escolas do nosso município de São Gabriel da Cachoeira estão sendo

colocados em prática estes Princípios? Não conheço todas as escolas do município, porém a maioria não caminha dentro destes princípios. Com certeza devem haver escolas que estejam colocando em prática estes princípios. Façamos releitura destes princípios:

“DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS

Os professores indígenas do Amazonas, Roraima e Acre, dos povos Apurinã, Baniwa, Baré, Desano, Jaminawa, Kaxinawa, Kambeba, Kampa, Kocama, Kulina, Makuxi, Mayoruna, Marubo, Miranha, Mundurucu, Mura, Pira-tapuia, Shanenawa, Sateré-Maué, Tariano, Tauerapang, Tikuna, Tukano, Wanano, Wapixana, Yanomami, reunidos em Manaus(AM), nos dias 16 a 20 de outubro de 1994, preocupados com a situação atual e futura das escolas indígenas reafirmamos os seguintes princípios:

- 1- As escolas indígenas deverão ter currículos e regimentos específicos, elaborados pelos professores indígenas, juntamente com as suas comunidades, lideranças, organizações e assessorias.
- 2- As comunidades indígenas devem, juntamente com os professores e organizações, indicar a direção e a supervisão das escolas.
- 3- As escolas indígenas deverão valorizar as culturas, línguas e tradições de seus povos.
- 4- É garantido aos professores, comunidades e organizações indígenas a participação paritárias em todas as instâncias consultivas e deliberativas de órgãos governamentais responsáveis pela educação escolar indígena.
- 5- É garantida aos professores indígenas uma formação específica, atividades de atualização e capacitação periódica para o seu aprimoramento profissional.
- 6- É garantida a isonomia salarial entre professores índios e não índios.
- 7- É garantida a continuidade escolar em todos os níveis aos alunos das escolas indígenas.
- 8- As escolas indígenas deverão integrar a saúde em seus currículos, promovendo a pesquisa da medicina indígena e o uso correto dos medicamentos alopáticos.
- 9- O Estado deverá equipar as escolas com laboratórios onde os alunos possam ser treinados para desempenhar papel esclarecedor junto às comunidades no sentido de prevenir e cuidar da saúde.
- 10- As escolas indígenas serão criativas, promovendo o fortalecimento das artes como forma de expressão de seus povos.
- 11- É garantido o uso das línguas indígenas e dos processos próprios de aprendizagem nas escolas indígenas.
- 12- As escolas indígenas deverão atuar junto às comunidades na defesa, conservação, preservação e proteção de seus territórios.
- 13- Nas escolas dos não índios será corretamente tratada e veiculada a história e cultura dos povos indígenas brasileiros, a fim de acabar com os preconceitos e o racismo.
- 14- Os Municípios, os Estados e a União devem garantir a educação escolar específica às comunidades indígenas, reconhecendo oficialmente suas escolas indígenas de acordo com a Constituição Federal.
- 15- A União deverá garantir uma Coordenação Nacional de Educação Escolar indígena, interinstitucional, com a participação paritária de representantes dos professores indígenas¹³.

Quem acompanha a história percebe que existem nossas reivindicações perante o governo. O mais interessante é que o governo acaba atendendo as nossas reivindicações(cf. documentos abaixo). No meu entender, a educação escolar indígena é nosso direito, e como tal deve ser construída por nós, indígenas. Muitas

¹³ MINISTÉRIO da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental: *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*. Brasília, 1998, p. 29.

vezes me dá a impressão de que nós queremos ter uma educação escolar indígena, mas queremos que o governo tenha a iniciativa. Nós que devemos concretizar a nossa educação escolar indígena para poder exigir que o governo(federal, estadual, municipal) dê a sustentabilidade técnica(recursos...), mas para que isso aconteça precisamos de um grupo de indígenas que articulem as iniciativas entre as comunidades indígenas e os setores que cuidam da educação escolar(municipal, estadual e federal).

5.1- 1988: Constituição da República Federativa do Brasil

A Constituição brasileira de 1988 pela primeira vez na história do Brasil traçou um quadro jurídico novo para a regulamentação das relações do Estado com as sociedades indígenas, rompe-se, então a prática integracionista dos cinco séculos. Entendamos que legalmente houve a mudança de visão, mas na prática dos brasileiros as mudanças não são automáticas. Por isso, há necessidade de estar sempre lutando e reivindicando.

Na Constituição Federal no Título VIII que trata da “Da Ordem Social” nós encontramos um capítulo que trata “Dos Índios”(231), onde “são reconhecidos aos índios a sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar os seus bens”.

Assim abre para nós, povos indígenas novas perspectivas de afirmação e reafirmação de nossos valores culturais, tradições, línguas. Percebemos que na prática há uma lentidão para que o governo execute ações em favor dos povos indígenas. E, por outra parte, também em nós, a mudança é lenta. A valorização de nossas culturas, costumes, crenças é lenta.

O Artigo 210 da Constituição Federal assegura às comunidades indígenas, no Ensino Fundamental regular, o uso das línguas maternas e processos próprios de aprendizagem e garante a prática do ensino bilíngüe em nossas escolas.

O Artigo 215 define como dever do Estado a proteção das manifestações culturais indígenas. A escola torna-se um instrumento de valorização dos saberes e processos próprios de produção e recriação de cultura.

Percebemos que todas as lutas anteriores, de muitas lideranças indígenas de diversos povos, professores de diversos povos, reivindicações feitas durante diversos encontros, estudos e manifestações são reconhecidas e regulamentadas pela Constituição Federal.

Agora cabe a cada povo, de forma organizada, em suas bases concretizar aquilo que os nossos irmãos indígenas sonharam para os nossos povos. E, muitas vezes nós indígenas atuais pensamos que este reconhecimento caiu do céu. As lutas não pararam. Elas continuam nas regiões, nas bases. Em meio às dificuldades, conflitos, desentendimentos entre os próprios indígenas e representantes de secretarias de educação estadual e municipal, algumas etnias vão concretizando as suas escolas.

5.2- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

A partir da nova Constituição Federal, surgiram leis complementares para que as questões indígenas fossem valorizadas nas escolas, principalmente nas escolas indígenas.

Por parte dos indígenas, as lutas e reivindicações continuaram, pois sabemos que não basta uma lei para que certas realidades sejam concretizadas. Acredito que são questões que precisam ser amadurecidas pelos próprios indígenas. Existe uma distância entre aquilo que sonhamos e aquilo que concretizamos.

Decreto Presidencial nº 26, de 1991: atribuiu ao MEC a competência para integrar a educação escolar indígena aos sistemas de ensino regular, coordenando as ações referentes àquelas escolas em todos os níveis e modalidades de ensino.

Atribui às secretarias estaduais e municipais de educação a execução dessas ações em consonância com as diretrizes traçadas pelo MEC. Através destas ações a educação escolar indígena beneficiaria de todos os programas de apoio mantidos pelo MEC e pelas secretarias estaduais e municipais de educação.

Portaria Interministerial nº 559/91: pede para que o MEC crie um Comitê de Educação Escolar Indígena com a finalidade de prestar-lhe o apoio técnico e oferecer-lhe subsídios referentes à questão da Educação Escolar Indígena.

Decreto nº 1.904/96: reafirma o reconhecimento dos direitos educacionais específicos dos povos indígenas e institui o Programa Nacional de Direitos Humanos. Estabelece-se assim uma meta a ser atingida, em curto prazo, a formulação e implementação de uma “política de proteção e promoção dos direitos das populações indígenas” e assegura às sociedades indígenas uma “educação escolar diferenciada, respeitando seu universo cultural”.

LDB da Educação Nacional, nº 9.394/96: é a lei complementar da Constituição Federal/1988, através da qual, especificamente no Título VIII – “Das Disposições Gerais”, Artigos 78 e 79 tratam da educação escolar indígena.

Artigo 78: determina ao Sistema de Ensino da União, com a colaboração da agências federais, o fomento à cultura e assistência aos índios, desenvolver programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilíngüe e intercultural aos povos indígenas, com os objetivos de:

1º) proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas, a reafirmação de suas identidades étnicas e a valorização de suas línguas e ciências;

2º) garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias”.

Artigo 79: estabelece que as responsabilidades originárias da União devem estar compartilhadas com os demais sistemas de ensino, determinando procedimentos para o provimento da Educação Escolar Indígena e salientando que os programas serão planejados com audiência das comunidades indígenas, com os objetivos de:

“1º) fortalecer as práticas socioculturais e a língua materna de cada comunidade indígena;

2º) manter programas de formação de pessoal especializado, destinado à educação escolar nas comunidades indígenas;

3º) desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades;

4º) elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado”.

5.3- 1998: Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas

As relações entre o Estado brasileiro e os povos indígenas no Brasil têm uma história na qual se podem reconhecer duas tendências: a de dominação, por meio de integração e homogeneização cultural e a do pluralismo cultural.

A prática da integração e homogeneização cultural funcionou no Brasil desde a época colonial até o final dos anos de 1980 com a aprovação da Constituição Federal de 1988. A visão integracionista reconhecia a diversidade das sociedades indígenas no país, e por isso, ela trabalhava para eliminar as diversidades culturais. Os povos indígenas serão vistos como um único povo(homogeneização).

O reconhecimento do pluralismo cultural, partiu de dentro dos povos indígenas e se fortaleceu a partir do ano de 1970 com o surgimento do Movimento Indígena e estruturação das diferentes organizações indígenas com o objetivo de defesa dos territórios e luta pelos seus direitos.

O Movimento Indígena ganhou corpo e força com a criação da União das Nações Indígenas(UNI), que congregava diversos povos indígenas do Brasil. É dentro deste contexto que surge e se intensifica a reflexão sobre educação indígena: “Encontro de Professores Indígenas” ou “Encontro de Educação Indígena”. Estes encontros foram se espalhando em todas as regiões do Brasil.

As questões sobre a diversidade cultural, educação indígena, escolas indígenas entram na legislação brasileira como resultado de um longo trabalho, mobilizações, reflexões, críticas de muitos setores organizados da sociedade civil brasileira.

Quando se trata de Escola Indígena não podemos pensar que todas as escolas têm que ser iguais em todo o país. As escolas indígenas serão diferentes e diferenciadas, assim como as diversidades culturais dos povos indígenas. A base de cada escola indígena deve ser o respeito aos saberes, às práticas e ao patrimônio intelectual dos povos indígenas. Deve-se basear na capacidade de criar novo modelo de escola que respeite o desejo dos povos indígenas, que valorize suas práticas culturais e lhes dê acesso aos conhecimentos de outros povos e sociedades não-indígenas.

5.4- , tapinopona Bueriwi – Escola Tuyuka

Coloco na íntegra o relatório que os professores Tuyukas elaboraram sobre a escola que eles criaram e estão levando para frente. Muitas atividades que realizam não estão colocados neste relatório. Para melhores conhecimentos sobre o significado que esta escola tem para os Tuyukas do Rio Tiquiê só conhecendo diretamente(convivendo).

Este relatório foi elaborado no mês de abril do corrente ano. Por tanto, é um relatório recente e mostra a situação atual da Escola.

, TAPINOPONA BUERIWI Gestão Escolar

Introdução

A **Escola Indígena , tapinopona Tuyuka** localizada no alto Rio Tiquiê, na fronteira do Brasil com a Colômbia, é uma escola diferenciada e gerenciada pelos próprios Tuyukas. Nela estudam os **Filhos-da-Cobra-de-Pedra**(, ta-pino-pona).

Esta **Escola** é resultado de vários trabalhos, reflexões e assembléias. Os planos, os conteúdos, os métodos que aprovamos nas reuniões e assembléias estão sendo colocados na prática da nossa **Escola**, porém percebemos que ao longo do caminho surgem situações imprevistas que precisamos responder com maior precisão para levarmos em frente os trabalhos que já estamos desenvolvendo durante alguns anos, desde o ano de 1999.

1. Mobilização para a Gestão Escolar

Durante a nossa reflexão sobre a Gestão Escolar apareceram algumas questões como estas: o que é uma educação escolar indígena? O que é uma educação indígena? O que é Gestão Escolar? Como assumir a Gestão da Educação Escolar Indígena?

Nós sabemos que não existe um modelo único de educação escolar indígena. Não há também modelo pronto da Gestão da Educação Escolar Indígena. Deste modo, a nossa Escola é uma escola em processo de construção. Nós que estamos envolvidos nela não temos pretensão de apresentá-la como modelo único de escola indígena. Estamos conscientes sim, que a nossa Escola tem que ser diferente das outras, pois ela deve se tornar uma Escola que responda a realidade dos Tuyukas.

2. Autonomia

A nossa **Escola** faz parte da rede municipal de ensino. Porém, as comunidades elaboram com autonomia o seu **Projeto Político Pedagógico** e o sistema de ensino. Esta prática vem acontecendo desde o ano de 1999. Nós mobilizamos as nossas comunidades Tuyukas, buscando agir com autonomia na defesa de nossos direitos no campo da educação.

Com os membros das comunidades discutimos sobre o tipo de Escola que queremos. Projetamos um futuro diferente para os nossos filhos e filhas com relação à nossa cultura Tuyuka, preocupamos com a melhoria da vida do povo Tuyuka e com a melhoria do desenvolvimento intelectual dos Tuyukas.

O **Projeto Político Pedagógico diferenciado** que temos hoje, para nós significa o resultado dos esforços que fazemos para termos uma Escola e um Ensino diferente. Pela nossa experiência sentimos que não é fácil, pois se trata de traçar metas, estratégias e assumir compromissos que nos levem para a qualidade de ensino. Fazer uma escola indígena, não é fazer de qualquer jeito, mas fazer com competência e qualidade.

A nossa prática na Escola continua sendo uma experiência complexa, pois envolve muitas idéias que visam ajudar na melhoria da nossa escola, continuamos traçando metas para mantermos a Escola em funcionamento, envolve a participação dos pais e envolve uma filosofia de trabalho própria com relação aos alunos, professores, comunidade e à escola.

3. AEIT , : Associação Escola Indígena , tapinopona Tuyuka

O objetivo da criação da **Associação Escola Indígena , tapinopona Tuyuka – AEIT ,** é: Gestão Pedagógica, Administrativa e Financeira. Estas ações são feitas com muita autonomia, liberdade e criatividade.

Na coordenação da Associação estão duas pessoas escolhidas pelo povo: **um Coordenador e um vice-coordenador pedagógicos.**

Funções do Coordenador e seu vice:

- Cuidar pela organização interna da Escola;

- promover reuniões periódicas e convocar reuniões extraordinárias, quantas vezes forem necessárias para manter a Escola em bom funcionamento;
- acompanhar as atividades, os planos e os relatórios de atividades educativas;
- orientar os professores na prática pedagógica;
- zelar pela qualidade de ensino;
- acompanhar o entrosamento dos alunos entre si, entre alunos e professores e alunos com os membros das comunidades.

O coordenador e seu vice trabalham juntos. Porém, na ausência do coordenador o vice desempenha as mesmas funções do coordenador.

A Associação, também tem um **Conselho**. Nele participam todos os moradores das comunidades Tuyukas(três). Com eles realizamos as reuniões pedagógicas e assembléias para tratarmos sobre as nossas ações pedagógicas, administrativas e financeiras.

Funções do Conselho são:

- acompanhar o funcionamento da Escola e do corpo docente de acordo com o plano previamente estabelecido pelo Conselho;
- articular a política educacional da Escola nas diversas comunidades onde moram os membros da Associação;
- promover reuniões e assembléias;
- administrar a gestão escolar, os projetos financeiros, as doações e as rendas da Escola;
- fazer compras(trocas) de materiais para a manutenção da escola e dos alunos.

Nas assembléias avaliamos os avanços da nossa Escola, refletimos decidimos novas práticas frente aos problemas que surgem na Escola: métodos, os alunos, os professores e a comunidade.

Nas assembléias, ainda discutimos e tomamos decisões a respeito do Currículo e Plano de ensino; estudamos e aprovamos Calendário Escolar e Plano de Gastos do dinheiro da Escola.

4. Funcionamento da Escola

A **Escola ,tapinopona** funciona com três **salas de extensão**. Aquilo que denominamos **salas de extensão** são:

- **Escola Yukuro**, na Comunidade Cachoeira Comprida,
- **Escola Poani**, na Comunidade Mõpoea(São Pedro) e
- **Escola Bua**, na Comunidade Nossa Senhora da Assunção(Onça-Igarapé).

a. Salas de extensão

As salas de extensão são partes da Escola Municipal Tuyuka ,tapinopona de Ensino Fundamental Completo. As salas de extensão mantêm os estudantes integrados com os membros de suas comunidades de origem. Deste modo evitamos o distanciamento dos estudantes de seus familiares e tradições de suas comunidades de origem.

Cada sala de extensão começa com o 1º e 2º Ciclo. O 1º Ciclo corresponde a 1ª e 2ª série. O 2º Ciclo corresponde a 3ª e 4ª Série. A idade dos alunos de 1º e 2º Ciclo varia de cinco(5) a doze(12) anos de idade. Os estudantes de 1º e 2º Ciclo permanecem numa sala de extensão(na mesma comunidade).

Na nossa Escola nós não temos Creche nem Pré-escolar, pois na nossa Escola as crianças já entram com a idade maior. As crianças menores permanecem com as famílias, para terem a liberdade para desenvolverem as atividades próprias de crianças: brincadeiras, convivência com os colegas, pais e parentes.

Para os estudantes do 3º e 4º Ciclo as salas funciona de forma rotativa, isto é, passam por diferentes salas(aldeias) de extensão a cada módulo. A idade dos estudantes do 3º e 4º Ciclo varia de doze(12) a vinte e cinco(25) anos de idade.

Criamos esta rotatividade ao longo da execução dos módulos de ensino, para que o sustento dos alunos e professores não ficasse pesado somente para uma comunidade. Esta rotatividade facilita o entrosamento entre os Tuyukas: famílias, professores e estudantes. Enfim, ajuda no conhecimento de outras comunidades e facilita a participação das tradições de cada comunidade.

b. Currículo e calendário

Cada sala de extensão tem professores fixos, do 1º e 2º Ciclo. Somente os professores do 3º e 4º Ciclo acompanham a rotatividade dos alunos. O Currículo segue igual para todos, ficando livre, porém para cada escola a escolha de temas de suas pesquisas.

O Calendário Escolar é **flexível**, pois cada comunidade possui um contexto social e econômico diferente; as programações de festas tradicionais variam de acordo com a comunidade(dabucuri de frutas, de peixes...). Todos estes acontecimentos entram dentro do calendário escolar diferenciado, são acontecimentos/conteúdos educativos. Assim os estudantes precisam estar participando destes momentos para assimilarem os conteúdos das tradições que se desenvolvem durante as festas: pinturas, músicas, danças, conversas, discursos, toque de instrumentos, preparação de bebidas, preparação de rituais...

c. A Comunidade que acolhe

A comunidade que acolhe os professores e estudantes, torna-se uma sala de extensão. Alguns deles(alunos, professores) são membros da própria comunidade e os outros são de outras comunidades.

Os alunos e os professores recebem apoio das famílias das salas de extensão(aldeias): farinha, quinhapira, beiju, mingau, chibé e outros alimentos de vez em quando aparecem(peixe, carne de caça). Geralmente, o almoço dos professores e estudantes é da merenda escolar.

Quando não há mais merenda escolar, os alunos saem em busca de alimentação. Os meninos vão para a pescaria e as meninas vão para roça em busca de mandioca que servirá para fazer manicoera, beiju, farinha. Outras vezes, saem vão para floresta para tirar manivara, etc.

d. Auto-sustentabilidade da Escola

Através da nossa Escola procuramos desenvolver os trabalhos que nos ajudem na nossa auto-sustentabilidade: plantação de fruteiras da própria região; piscicultura. Os estudantes trabalham para terem seus próprios viveiros, aprendem as técnicas da piscicultura.

Por meio destas atividades queremos em curto, médio ou a longo prazo sustentar as Escolas, sem depender só da merenda escolar. Ao mesmo tempo, estaremos enriquecendo com a nossa alimentação tradicional(quinhampira, chibé, beiju).

5. Escola Tuyuka como fonte de pesquisa

Os professores são todos Tuyukas, falantes da língua. Através da língua nós buscamos aprofundar nos nossos conhecimentos e saberes dos anciãos. Eles são os nossos livros didáticos vivos, são os nossos cientistas, conhecedores da natureza, do mundo, das águas, lugares, cachoeiras e da convivência social.

No contato com nossos anciãos, os alunos abrem para novas perspectivas de vida Tuyuka: conhecedores de suas histórias, suas origens, seus mitos, ritos, danças, músicas. Com os anciãos aprendemos a valorizar e praticar os valores da cultura Tuyuka.

A nossa Escola quer ser um meio organizado para garantir aos estudantes Tuyukas o fortalecimento da identidade cultural Tuyuka, no momento presente e para o futuro. Assim, garantimos que no dia em que alguém sair para estudar fora, ele não terá receio de voltar na sua comunidade de origem. Pelo contrário, ajudará a sua comunidade com maior competência: conhecedor dos valores de sua cultura e conhecedor de conhecimentos acadêmicos adquiridos.

6. Ensino Fundamental completo

Para a criação de Ensino Fundamental realizamos muitas reuniões, assembleias, articulação política com o poder público municipal. Como resultado, a política pública municipal acatou a nossa reivindicação. Através do Decreto ou Ato de Criação permitiu o funcionamento do ensino fundamental.

Hoje a nossa Escola possui seus professores Tuyukas. Dez professores têm a formação do Ensino Médio Indígena Comum. Dois professores têm a formação do Ensino Médio Comum. Uma professora com o Ensino Fundamental completo.

No 3º Ciclo trabalham três(3) professores. No 4º Ciclo trabalham três(3) professores. Todos eles(3º e 4º Ciclo) não têm formação específica para lecionar, mas têm capacidade para escolherem temas da realidade local ou temas da cultura Tuyuka e desenvolvê-las, como grupo de professores e com os estudantes.

7. A Pesquisa

A **pesquisa** é um dos métodos que mais utilizamos em nossa Escola. Este método nos ajuda a construir uma escola diferente, conteúdos novos, técnicas novas para ensino e aprendizagem.

A nossa Escola não possui livros didáticos prontos para o uso dos professores e estudantes. Todos nós, que estamos envolvidos na Escola contribuimos para a elaboração e sistematização dos conhecimentos dos Tuyukas. Os resultados de nossas pesquisas e nossas descrições tornam-se nossos recursos para ensino e aprendizagem: histórias, mitos, cantos, músicas etc., contribuem muito para com a Escola.

As nossas anciãs contribuem diretamente com a gestão pedagógica, pois são elas as conhecedoras e verdadeiras agricultoras da nossa região. Elas conhecem o tipo de terra para as diversas plantações, diferentes espécies de manivas, épocas certas para plantar, ervas medicinais para dar boa plantação, possuem técnicas diversas para a preparação de alimentos e bebidas.

A Escola incentiva a **iniciativa** dos estudantes na escolha de temas a serem desenvolvidos nas pesquisas. Assim a escola respeita os interesses dos estudantes.

Todos os **resultados de pesquisa** são recolhidos para se tornarem subsídios para fins didáticos. Os estudantes, os professores, os anciãos, as anciãs, as mulheres, os músicos, os informantes, a comunidade tornam-se autores de materiais didáticos. Cada um colabora com uma parte dos conhecimentos que são sistematizados. Assim, saímos da dependência dos livros didáticos que o MEC nos envia que trazem idéias alienadas e preconceituosas com relação aos povos indígenas.

Os professores, estudantes e os membros da comunidade utilizam muitos momentos para a dramatização das histórias, dos acontecimentos, da mitologia, dos valores culturais... Todos participam no dia da apresentação. A Escola acredita que incentivando esta prática está fortalecendo a cultura e aumentando a auto-estima dos Tuyuka.

A recreação, também é parte importante da formação dos estudantes. Por causa de sua importância tem um grupo que anima os estudantes e os membros da comunidade. Os membros deste grupo que anima são escolhidos dentre os alunos.

8. Qualidade de Ensino

Nós entendemos que para se ter a **qualidade de ensino** a comunidade, os professores, os educadores e estudantes devem dedicar um tempo suficiente para discutirem sobre os conteúdos e os métodos de ensino.

Ao longo da execução de programas de ensino precisamos estar acompanhando se aquilo que propomos está sendo executado e está alcançando os objetivos esperados entre os alunos, professores e a comunidade. Caso não esteja atingindo, é necessário rever os programas de ensino.

9. Sistema de avaliação

Nós temos um modelo próprio para a avaliação de ensino e aprendizado. Os nossos estudantes são avaliados pelos professores e os professores são avaliados pela comunidade.

O critério utilizado para a avaliação é o alcance de objetivos: aquilo que foi pensado, ensinado está levando o aluno a alcançar o resultado esperado. Os professores acompanham os estudantes, observando com atenção como eles estão aprendendo e desenvolvendo daquilo que está sendo ensinado. Eles aconselham, elogiam e incentivam para as novas pesquisas. Os professores tornam-se orientadores durante as pesquisas, nas exposições e na vivência de valores.

A avaliação que os professores fazem do estudante é através do **parecer descritivo**: a evolução do aprendizado do aluno, avanço na literatura, entrosamento com os colegas, sua apresentação de trabalhos e como ele se integra na comunidade em diversos momentos.

No final de cada Módulo os professores fazem Relatórios das Atividades didáticas desenvolvidas. Estes Relatórios ficam registrados nos documentos da Escola.

10. Duração do período escolar

O ensino do 3º e 4º Ciclo é **Modular**. Funciona vinte(20) dias na Escola e em dois(2) turnos(manhã e tarde). Entre um módulo e outro há um intervalo de quinze(15) dias. Nestes quinze(15) dias os estudantes voltam para as famílias.

Quando os estudantes permanecem nas salas de extensão realizam pesquisas e observação de campo dentro da comunidade. Realizam diversas atividades práticas e registro de conteúdos. Realizam discussões na

sala de aula. A comunidade participa das apresentações, faz questionamentos, complementa às pesquisas que os estudantes fizeram.

Quando o estudante vai para a família, a Escola passa para ele uma tarefa intermediária: pesquisa de um tema de seu interesse. No retorno à Escola cada aluno fará a apresentação do tema pesquisado para os seus colegas e professores.

A duração de um Ciclo para o estudante, depende do processo de aprendizado dele. Dependendo do estudante pode durar até dois ou mais anos. O que mais nos interessa é que o aluno aprenda os conteúdos.

11. Escola e suas Parcerias

A Escola procura estabelecer **parcerias** com as outras organizações e entidades para que os trabalhos tenham continuidade.

A assessoria pedagógica externa ajuda com a formação continuada de professores através de oficinas pedagógicas, lingüísticas e de gestão autônoma.

NORAD/RFN: financia o trabalho da Educação Escolar Indígena.

ISA(Instituto Socioambiental): capacita as lideranças e os professores para auto-gestão da Escola. Fornece os recursos humanos para a assessoria.

PREFEITURA MUNICIPAL DE São Gabriel da Cachoeira -AM: com a contratação de professores; merenda escolar(muito pouca ultimamente).

A **AEIT** , (**Associação Escola Indígena , tapinopona Tuyuka**) administra os recursos que recebe: planeja gastos e prestação de contas. Ela também, contrata a cozinheira da Escola, pagando-a com o dinheiro do projeto.

12. Dificuldades e desafios

a. Formação continuada

Sentimos dificuldades em manter a qualidade de ensino através de auto-gestão. A nossa Escola fica muito distante de outros centros. A distância dificulta o acompanhamento de assessores aos nossos trabalhos.

Embora, sejamos falantes da língua Tuyuka, sentimos dificuldades na aprendizagem de nossos valores culturais, pois temos poucos anciãos que nos ajudam nas informações durante as pesquisas. Mesmo assim, conseguimos garantir alguns conhecimentos. O que mais nos preocupa é a idade avançada de nossos anciãos.

Precisamos garantir uma formação continuada por tempo de serviço para que tenhamos continuidade na formação de novas gerações; maior capacitação de pessoas para o gerenciamento da Escola e de Projetos; acompanhamento periódico do encarregado pela Secretaria de Educação, principalmente, do Município; capacitação e formação pedagógica de professores na nossa Escola. A partir da concretização destas exigências daremos qualidade do nosso ensino.

b. Formação acadêmica

Estamos precisando enviar alguns professores Tuyukas para a capacitação na área de Pedagogia, Antropologia e Administração Escolar para garantirem a qualidade de ensino em nossa Escola, principalmente, no Ensino Médio.

No momento, nossos professores não têm acesso a formação acadêmica de nível superior. Mas precisamos investir mais na formação de professores.

Sonhamos com o Ensino Superior que seja Modular, envolvendo a participação de estudantes indígenas.

c. Apoio do Governo Municipal

O apoio do Governo Municipal é pouco. A merenda escolar com muita dificuldade chega em nossa escola. Por ser uma Escola Indígena não recebe muito apoio.

Os recursos repassados pela FUNDEF devem ser repassados para nós na conta da AEIT, , porque quando o dinheiro repassado para a Prefeitura, o dinheiro não chega no seu destino. É obrigação do Governo ajudar a Escola Indígena.

d. Apoio do Governo Federal

O MEC deve apoiar mais a Escola Indígena. Seria bom que os recursos chegassem diretamente na nossa Escola através da nossa Associação.

Com os recursos repassados queremos regionalizar a merenda escolar e assim, estaremos incentivando os trabalhos das comunidades que recebem os estudantes e os professores.

e. Amparo legal

No início quando se tratava da Educação Indígena a lei garantia um amparo legal para as populações nativas. Ficamos animados e abraçamos a causa da Educação Escolar Indígena diferenciada.

Depois começaram surgir várias dificuldades. Uma delas é que diziam que nós não podemos assumir a direção da Escola e não podemos aceitar um corpo docente de Ensino Fundamental sem título de Ensino Superior, sem ter formação Pedagógica. Os professores de 5ª a 8ª Série tinham que ter cursos superiores. Nós nos sentimos impotentes diante destas exigências da LDB(Leis de Diretrizes e Bases) para a educação brasileira.

Mesmo diante destas dificuldades nós continuamos lecionando, com amparo legal da formação continuada e por tempo de serviço.

f. Escola Tuyuka

Como Escola Tuyuka estamos diante do desafio de construir a nossa própria Pedagogia. Temos o desafio de produzir e publicar os livros didáticos compatíveis com a nossa realidade para promover e formar o jovem Tuyuka, capaz de entender as demandas das comunidades, que seja formador de opinião com senso crítico para desenvolver melhor as condições de vida de seu lugar e do seu povo.

O desafio torna-se maior quando o diálogo é dificultado pela própria Política Pública. Nós não estamos de acordo com as exigências(títulos de cursos) de seus representantes. Sem o intercâmbio de conhecimentos e de cooperação sempre caminharemos de forma etnocêntrica.

Elaboração do Relatório:

Higino Pimentel Tenório, João Bosco Azevedo Rezende, Mateus Campos Tenório e demais professores da Escola Tuyuka

CONCLUSÃO

Para concretizar este artigo, demorei exatamente cinco meses, pois iniciei no mês de junho e terminei no final do mês de outubro. O nome do artigo *Repensando a Educação Indígena* exigiu de mim, uma reflexão bastante demorada. Várias idéias que estão no artigo, foram repensadas e escritas várias vezes.

Quando pensei em elaborar o artigo eu imaginava que seria fácil. Mas ao longo do trabalho percebi que é complicado sistematizar as experiências, os conhecimentos, as reflexões, as constatações de diversas realidades. Cada vez que busco aprofundar os temas das culturas indígenas vejo que os meus conhecimentos são muito reduzidos. Mas aquilo eu consegui juntar de vários pedaços espalhados do meu conhecimento procurei costurar neste artigo.

Estou convencido que se nós, indígenas, não escrevermos os nossos conhecimentos corremos o risco de ficarmos sem histórias. Nós estamos numa época em que os escritos são muito importantes. Nós já tivemos grandes sábios, conhecedores de mitos, ritos, danças, cerimônias, benzimentos, artes, pinturas..., mas eles(nossos avôs) morreram e com eles morreram todas as sabedorias que eles tinham. Essas sabedorias que eles carregam, embora sendo bens da pessoa e da família, era também patrimônio de um povo(etnia).

Através das idéias que eu coloco neste artigo quero contribuir para que muitos outros indígenas, de diversas etnias, comecem a repensar a educação indígena de sua etnia. Para aqueles que já estão caminhando nesta direção, que estas idéias sirvam como incentivo a mais.

Em várias partes do artigo eu dizia que, ao escrever este artigo não tenho a pretensão de solucionar os problemas existentes. As idéias contidas neste artigo são passíveis de serem questionadas, modificadas, rejeitadas, aprimoradas.

Espero que este artigo consiga incomodar muitas práticas educacionais em muitas escolas de nossa região do alto Rio Negro. Só assim este artigo estará atingido seu objetivo: repensar a educação indígena(também a educação escolar indígena)!

BIBLIOGRAFIA

- ANAIS. *I Simpósio dos povos indígenas do Rio Negro: Terra e Cultura* (27-30 de agosto de 1996), Manaus, Universidade do Amazonas, 1996.
- BALZOLA, João. *A prefeitura Apostólica do Rio Negro*. Boletim Salesiano, Nº 4 (Julho/Agosto - 1916), Anno XV – Vol. VII, Torino/Itália.
- BRÜZZI, Alcionílio. *A civilização indígena do Uaupés: observações antropológicas etnográficas e sociológicas*, 2ª ed., LAS – Roma, 1975.
- CABALZAR, Aloísio e Carlos Alberto Ricardo. *Povos indígenas do alto e médio rio Negro: uma introdução à diversidade cultural e ambiental do noroeste da Amazônia brasileira*. S.Paulo/ISA, Amazonas/FOIRN, 1988.
- CABALZAR, Aloísio. *Organização social tuyuka*. Dissertação de Mestrado, USP, S.Paulo, 1995.
- CELAM. *O futuro da reflexão teológica na América Latina*. S.Paulo, Loyola, 1998.
- DUSSEL, Enrique. *Oito ensaios sobre cultura latino-americana e libertação*. S.Paulo, Paulinas, 1997(Coleção: Atualidades em diálogo).
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. S.Paulo, Martins Fontes, 1996.
- FABRI dos Anjos, Márcio(organizador). *Teologia da inculturação e inculturação do evangelho*. Petrópolis, Vozes, 1995.
- KOCH-GRÜNBERG, Theodor. *Dois anos entre os indígenas: viagens no noroeste do Brasil – 1903 – 1905*(Capítulo 1-3), Série História nº 01, Manaus, CEDEM, 1995.
- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, S.Paulo, Saraiva.
- MELIÀ, Bartomeu. *Educação Indígena e Alfabetização*. S.Paulo, Loyola, 1979.
- MELLO, Luiz Gonzaga de. *Antropologia cultural*. Petrópolis, Vozes, 1982.
- MINISTÉRIO da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental: *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*. Brasília, 1998.
- OLIVEIRA, Ana Gita de. *O mundo transformado: um estudo da “cultura de fronteira” no alto Rio Negro*, Tese de Doutorado de Antropologia, Brasília, 1992.
- RAMIREZ, Henri. *A fala tukano dos ye'pâ-masa*(Tomo II: Dicionário). Manaus – AM, CEDEM, 1997.
- REZENDE, Justino. *Escola Indígena*(artigo). Iauaretê, 1998.
- RIBEIRO, Darcy: *O processo civilizatório*. Petrópolis, Vozes, 1979.
- RODRIGUES, Aryon Dall'igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. S.Paulo, Loyola, 1986.

BIBLIOGRAFIA TUYUKA

- MARIYA DITA. Iñan·n·se masirɕ. Escola Indígena , tapinopona – Tuyuka, FOIRN-ISA, Brasília: MEC/SEF, 2001.
- KITI WEDERIRA T , OHOARIRA. Escola Indígena , tapinopona – Tuyuka, FOIRN-ISA, Brasília: MEC/SEF, 2002.
- KEORE: , TAPINOPONA SAIÑA HOA BAUANERIPUTI – Keomasire iñabese t·geña saiña nemorip½. Escola Indígena , tapinopona – Tuyuka, FOIRN/ISA, 2004.